



CÂMARA DOS DEPUTADOS
DEPUTADA FLÁVIA MORAIS – PDT/GO

COMISSÃO DO ESPORTE

REQUERIMENTO N.º _____, DE 2024
(Da Senhora Flávia Moraes)

Requer a realização de audiência pública conjunta na Comissão do Esporte e na Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher para discutir o papel dos clubes de futebol na formação de seus atletas, sob a perspectiva de atuação no combate e prevenção da violência contra a mulher.

Senhor Presidente,

Requeiro a Vossa Excelência, nos termos do art. 58, 2º, II, da Constituição Federal, e do art. 24, III e 255, ambos do Regimento Interno da Câmara dos Deputados, a realização de audiência pública conjunta da Comissão do Esporte e da Comissão de Defesa dos Direitos da Mulher, em data conveniente, para discutir o papel dos clubes de futebol na formação de seus atletas, sob a perspectiva de atuação no combate e prevenção da violência contra a mulher. Para tanto, gostaríamos de sugerir os seguintes convidados, que, de forma eminente, poderão debater o tema, sem prejuízo de outras sugestões do demais integrantes das Comissões:

1. Representante do Ministério da Mulher
2. Representante do Ministério do Esporte
3. Representante do Esporte Clube Bahia
4. Presidente da Sociedade Esportiva Palmeiras, Leila Pereira.
5. Representante do Instituto Avon.





CÂMARA DOS DEPUTADOS
DEPUTADA FLÁVIA MORAIS – PDT/GO

JUSTIFICATIVA

Diversos casos recentes envolvendo jogadores de futebol e situações de violência contra a mulher acendem um sinal de alerta sobre a formação de nossos esportistas. Em que pese haver um indisfarçável machismo na sociedade brasileira, que nos põe entre as nações que integram o triste ranking do feminicídio, a representatividade cultural de nosso futebol e o caráter de modelo de comportamento e de vida ocupado por nossos jogadores, especialmente no imaginário dos meninos e homens jovens, faz com que essa modalidade esportiva precise ser observada com bastante cuidado e atenção.

Um dos casos mais emblemáticos a conectar futebol e violência doméstica foi o assassinato de Eliza Samudio por Bruno Fernandes das Dores de Souza, o “goleiro Bruno”, condenado em 2010 pelo crime. Apesar do polêmico caso, já em 2014, mesmo ainda em regime fechado, o atleta recebeu propostas de diferentes clubes para integrar suas equipes. Apesar da gravidade do crime e de sua enorme repercussão, esses clubes não se acanharam em buscar associar seus nomes ao do jogador. O marketing entendeu que a violência contra a mulher, no futebol, não teria um efeito repelente.

As situações mais recentes, envolvendo os jogadores Daniel Alves e Robinho, têm gerado debates na sociedade sobre como esses casos devem ser tratados e sobre se o futebol é dominado por uma cultura machista e misógina que enseja a objetificação e desumanização das mulheres, abrindo caminho para comportamentos abusivos dos jogadores, o que se refletiria nos fãs do esporte. Em 2022, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública e o Instituto Avon publicaram um estudo sobre a relação entre futebol e a violência doméstica. O estudo cruzou bases de dados sobre violência com informações dos dias de jogos do Campeonato Brasileiro da série A entre os anos de 2015 e 2018. A pesquisa se dedicou a cinco capitais: Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Belo Horizonte e





CÂMARA DOS DEPUTADOS
DEPUTADA FLÁVIA MORAIS – PDT/GO

Apresentação: 19/04/2024 14:31:52.313 - CESPO

REQ n.36/2024

Porto Alegre¹. O resultado do trabalho indicou que, nos dias em que um time da cidade entra em campo, o número de registros de Boletins de Ocorrência de ameaça contra mulheres aumenta em 23,7% e o número de registros de B.O.s de lesão corporal aumenta em 20,8%. Nos dias em que a partida do time acontece na própria cidade, o aumento de registros de lesão corporal é de 25,9%.

É importante ressaltar que não se sugere que o futebol seja a causa da violência contra a mulher. Precisamos, porém, entender como essa variável se insere no problema e se há meios pelos quais o futebol, uma das marcas culturais e de reconhecimento internacional do Brasil, pode ser usado para combater essa forma de violência.

Em dezembro de 2017, quando houve a condenação em primeira instância do jogador Robinho pela justiça italiana, o jornal El país publicou uma reportagem sobre “como o futebol alimenta a cultura do estupro e menospreza a violência contra as mulheres”². Nela, a psicóloga Suzy Fleury, que integrou a Comissão Técnica da Seleção Brasileira entre 1998 e 2000, levantou um dos problemas que nos incentivou a propor esta audiência pública. Segundo ela, “os clubes não têm compromisso com a formação do caráter dos atletas e são coniventes com comportamentos que nossa sociedade não aceita mais.” Ainda segundo a psicóloga, “os garotos são iniciados no futebol com enormes lacunas de educação tanto por parte da família quanto da escola”. Além disso, os jovens atletas são inseridos sem filtros em um ambiente que tem na virilidade e na imposição física algumas das virtudes tidas como indispensáveis para se tornarem craques de sucesso. Além da valorização desse padrão de comportamento agressivo, os jogadores em formação passam a conviver em ambientes nos quais a figura masculina é predominante e, de uma hora para outra, podem experimentar uma rápida ascensão social sem a base emocional necessária para lidar com essa nova realidade. As relações interpessoais ficam marcadas pelo utilitarismo e sua

¹ <https://institutoavon.org.br/pesquisa-violencia-contra-mulheres-e-o-futebol-revela-aumento-do-registro-de-ameacas-contra-meninas-e-mulheres-em-dias-de-jogos/>

² https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/24/deportes/1511552695_344160.html





CÂMARA DOS DEPUTADOS
DEPUTADA FLÁVIA MORAIS – PDT/GO

aproximação com o sexo feminino passa a ser pautada pela necessidade de demonstrar virilidade e poder.

Em sentido contrário, podemos identificar exemplos internacionais, como o programa “Masias 360º”, aplicado nas categorias de base do Barcelona e que promove, além de moradia, educação emocional, para que os atletas treinem suas competências emocionais e habilidades sociais em paralelo a seu progresso nos esportes, integrando desenvolvimento humano e autoconhecimento³. O programa ainda possui assistência acadêmica, acompanhamento psicológico e até auxílio para a transição de carreira ou aposentadoria dos atletas.

Diante do exposto, consideramos que este Parlamento deve discutir o papel dos clubes de futebol na formação de seus atletas, sob a perspectiva de atuação no combate e prevenção da violência contra a mulher. Talvez possamos chegar a proposições legislativas que nos ajudem a indicar um bom caminho nesse tema ou, pelo menos, podemos contribuir para dinamizar o debate nacional e cobrar das entidades da própria sociedade civil uma ação mais efetiva no combate à violência contra as mulheres.

Sala das Comissões, em de de 2024.

Deputada FLÁVIA MORAIS
PDT/GO

³ <https://www.fcbarcelona.com/en/news/783722>

